



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

PONCIÁ VICÊNCIO E O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

Autores: TAMIRES MAIARA SANTOS ARAÚJO, TELMA BORGES DA SILVA

Introdução

A proposta desta apresentação é discutir algumas hipóteses iniciais acerca da relação entre a personagem Maria das Dores, do romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da autora moçambicana Paulina Chiziane, e a personagem Ponciá Vicêncio, do romance homônimo, da escritora mineira Conceição Evaristo. Este estudo comparado pretende levar em conta a suposta presença do conceito de realismo animista, apresentado pelo escritor angolano Pepetela, analisando como esse é acionado pelas respectivas personagens como uma forma de reencantar o mundo pós-colonial. Sabemos que “nas literaturas africanas a natureza dos acontecimentos está calcada nas crenças religiosas animistas, nos antepassados e em poderes que existem na natureza” (SARAIVA, 2007, p. 4). Nesse sentido, é de suma importância estudar essas obras e de maneira especial as personagens Ponciá e Maria das Dores, já que são elas que, muitas das vezes, instauram e ressignificam, em suas vivências, elementos que aparentemente pertencem a um inconsciente animista. De acordo com Garuba (2012, p. 242), “o inconsciente animista é uma forma de subjetividade coletiva que estrutura o ser e a consciência em sociedades e culturas predominantemente animistas”. É nesse contexto que as obras em questão e suas personagens são construídas, visto que as culturas representadas nesses textos evidenciam, de maneira singela e própria dessas autoras, características do animismo.

Material e métodos

No intuito de alcançar os objetivos propostos para esse estudo, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico teórico-crítico, além da análise das obras literárias mencionadas. Para a análise das questões relativas ao insólito na literatura foi realizado um estudo das obras.

No que se refere ao realismo seja esse maravilhoso, mágico, fantástico ou animista e outros conceitos, tais como o inconsciente animista, dialogamos com os textos de Sueli Silva Saraiva (2007), *O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa*, o artigo *Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana*, de Harry Garuba (2012), o texto literário *Lueji: o nascimento do império*, de Pepetela (2012), bem com levantamento de elementos essenciais ao estudo comparado dos textos, considerando as tradições às quais as autoras se filiam.

Resultados e discussão

A. Ponciá Vicêncio: o realismo animista

Ponciá Vicêncio narra a trajetória da protagonista Ponciá, desde a infância até a idade adulta. Essa personagem, que vivia na Vila Vicêncio, a qual dá origem ao seu sobrenome e de seus familiares, vai para cidade em busca de outra condição de vida. Ponciá possui uma relação importante com o Vô Vicêncio, homem que chorava e ria ao mesmo tempo, característica que seria reproduzida mais tarde por ela.

Observamos que o avô é o fio condutor de várias revelações, e é também o ponto de partida para a análise do realismo animista para a construção da personagem Ponciá Vicêncio. Escravo liberto, deixará para a neta uma herança, a qual Ponciá passará a vida toda buscando. No romance há um mistério em relação ao que é essa herança. Sua família falava muito pouco sobre esse homem e o que ele tinha deixado para a personagem.

Percebemos que o quase não falar sobre do Vô Vicêncio, o gosto de “olhar o vazio” que a neta herda do avô, sem tê-lo conhecido na vida adulta, já que quando ele realiza a grande passagem ela ainda era uma criança de colo, só pode ser pensado como algo atávico, já que não era possível, do ponto de vista da memória, a moça guardar tantas marcas do avô.

Outro índice dessa parença é quando a menina faz uma estátua de barro de um homem baixinho, com um braço cotoco e para trás. Ao mostrá-lo para mãe, essa tem vontade de gritar, mas guarda o objeto e mostra ao pai, quando esse chega da roça. Quando Ponciá muda-se para a cidade grande, ela deixa o homenzinho de barro na casa dos seus pais, e é nesse momento que sua vida se transforma, pois “senti um peso no coração, uma tristeza funda, um mau presságio” (EVARISTO, 2003, p. 40). A relação com o realismo animista se instaura nesse momento.

Observa-se que a ausência da estátua de barro do avô no decorrer da narrativa pode estar relacionada ao estado de “ausência” que a personagem sofrerá no decorrer do romance, interpretadas aqui como a interrupção da atuação do presente para que o passado se instaure.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Ponciá, nesse sentido, procura nas camadas de sua vivência averiguar “os vestígios do passado [que estão] nas diversas camadas do presente” (GAGNEBIN, 2012, p. 34), através de uma manifestação de cunho animista, já que a vida e o modo de agir da personagem estão condicionados aos desejos do avô de que a neta compreenda sua ancestralidade, que se materializa na estátua de barro.

Quando retorna de trem para sua vila, imagem que corrobora a interpretação proposta para este texto de voltar ao passado, não de maneira nostálgica, Ponciá encontrará a estátua de barro e mais uma vez o passado se fará presente na casa totalmente vazia:

Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu cheiro de café fresco e broa de fubá [...] Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ela havia feito um dia [...] Ponciá acordou para o momento presente. Não havia fogo, não havia a brasa acesa [...] Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos (EVARISTO, 2003, p. 57).

Esse evento é um exemplo da presença do realismo animista na construção dessa personagem, que compreende e reencena sua ancestralidade no presente. Os choros-risos do homem de barro são desencadeadores desse processo, já que sua presença aciona o passado e faz Ponciá, não apenas recordar tudo o que viveu naquele ambiente, mas viver uma cena sinestésica no presente, visto que quando percebe que não havia saído sequer do lugar e que não havia ninguém na casa, escuta apenas o choro-riso da imagem.

Como nos revela Sueli S. Saraiva (2007, p. 8), esse panorama se dá nas literaturas africanas, e para esta pesquisa, nas afrobrasileiras, “ao refletirem a presença viva do passado manifestado pelas tradições e religiões animistas, configura[ndo] um espaço não-nostálgico; antes, um espaço artístico realista e refletor da realidade de um país”. As manifestações de cunho animista não pressupõem uma hesitação em relação à materialidade dos acontecimentos; no entanto, no encontro de culturas ela se fará presente, mas não impedirá que as ocorrências sejam compreendidas como tal.

No romance, esse embate entre culturas poderá ser percebido no momento em que Ponciá, ainda criança, começará a andar imitando o avô: “todos se assustavam, a mãe e a madrinha, só o pai aceitava, só ele não espantou ao ver o braço quase cotó da menina, só ele tomou como natural a parecença dela com o pai dele” (EVARISTO, 2003, p. 13).

B. Maria das Dores e o realismo animista

A aproximação entre *Ponciá Vicêncio* e *O alegre canto da perdiz* se dá pela suposta presença do realismo animista, que é mais comum em textos africanos. Nesse sentido, a comparação se estabelece pelo confronto, já que como nos suscita Saraiva (2017, p. 1), quando cita Todorov, um gênero apenas se apresenta em confronto com outro que lhe é próximo.

Maria das Dores é a peça chave para esse embate, visto que é portadora também de uma ancestralidade que se aproxima da de Ponciá, porém de forma distinta, devido aos processos diferentes de colonização.

O romance de Paulina Chiziane narra a trajetória de Maria e sua busca pelos três filhos que perdeu há vinte anos em uma gruta, quando retornava para o ventre da humanidade: os Montes Namuli. Sua vida seria marcada pelo caminhar no mundo, como profetiza seu avô.

Após fugir de Simba, homem para o qual Delfina, sua mãe, vende sua virgindade, em troca de alguns feitiços, Maria das Dores, que tinha a “doença da lua”, que é “oriunda das montanhas”, em cujas veias corriam o “sangue sagrado das pedras” (CHIZIANE, 2008, p. 14), parte para grande viagem chamada pelos espíritos.

A construção dessas personagens perpassa a compreensão de uma sociedade em que a materialidade das coisas está apoiada pela crença animista. Maria também vive, assim como Ponciá, uma busca pelo seu passado, e é apresentada no romance através do realismo animista.

Após perambular por anos, Maria das Dores encontrará dois dos seus filhos; esse encontro será guiado pela ótica animista. Ao chegar à casa de Benedito e Fernando, quase por um acaso, ela verá um crucifixo pregado na parede da sala, o Cristo era negro. Em transe, a personagem conversa com a imagem de barro e toda a verdade será revelada:

Tudo aquilo destoava com tudo o que aprendera. [...] Maria volta a olhar para o Cristo de barro que agora pisca os olhos enquanto os lábios tremem e se abrem como uma concha antiga soltando dentes luminosos. Fala.

– Olá, Maria!

Ouve-se um crack na parede. O Cristo de barro dissolve os pregos que o prendem à cruz, que afinal são também de barro. Desce e poisa os pés no solo. Faz umas flexões para activar a circulação nos membros, como quem acaba de despertar de um sono de dois mil anos. Sacode a poeira dos ombros e caminha ao encontro de Maria. – Diz-me tudo sobre ti, Maria – pede o homem de barro.

– Sou eu, a Maria das Dores, a louca. Aquela que saiu em busca de amor e perdeu todo o seu tesouro. Aquela que tudo quis e nada tem [...].



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

– Ah, Maria.

– Por que me abandonaste, meu pai? Por que não me levaste contigo para o teu reino de barro?

– Ah, Maria, diz-me o que te faz sofrer que hoje te darei a resposta [...].

Maria abre as comportas da alma e endereça o desejo num grito pavoroso:

– Quero o meu Benedito, o meu Fernando e a minha Rosinha, meus bebês de verdade.

– Onde estão?

– Perdi-os na gruta do monte. Há muito tempo. Foram levados por uma freira.

– Conta-me tudo, Maria.

Ela conta. [...] O Cristo bantu ergue Maria no ar e pronuncia encantamentos. Ela fecha os olhos e saboreia o momento. O Cristo negro solta uma lágrima e um sorriso.

– O teu desejo será respondido, Maria, liberta-te, voa, busca os teus pertences no espaço, regressa à terra que eu te darei a resposta (CHIZIANE, 2008, p. 155-156).

Todo o mistério que envolvia a vida e o caminhar incompreendido de Maria foi revelado aos seus filhos. Assim como em Ponciá Vicêncio, é uma imagem de barro que liga e interrompe a atuação do presente para que o passado surja e mostre um tempo de perdas e sofrimentos.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Observamos que na construção das personagens Maria das Dores e Ponciá Vicêncio perpassa a questão do realismo animista, de maneira que essas são guiadas por algo que é próprio de uma forma de reencantar o mundo nas culturas de tradição animista.

Esse reencantamento do mundo se apoia na necessidade de criar outro discurso, diferente do hegemônico e próprio das sociedades que se transformaram no encontro de culturas. Nesse sentido, temos a incorporação de matrizes ancestrais a camadas do presente, as quais possibilitam outra narrativa. Esta pesquisa está ainda em sua fase inicial e precisa ser aprofundada para que outras possibilidades interpretativas sobre o realismo e o inconsciente animista sejam retiradas do status de apenas crença em objetos, já que “o que está claro é que o animismo subverte a autoridade da ciência Ocidental, reinscrevendo a autoridade da magia nos interstícios do racional/secular/moderno” (GARUBA, 2012, p. 243).

Agradecimentos

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. **DissemiNação O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna**. O local da Cultura. Trad. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 227-275.

CHIZIANE, PAULINA. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GARUBA, Harry. **Explorações no realismo animista**: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Trad. Elisângela da Silva. Nonada: Letras em Revista. Porto Alegre, vol. 2, nº 19, p. 235-256, oct., 2012.

PEPETELA. **Lueji: o nascimento de um Império**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

REIS, Eliana Lourenço de L. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2011.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M

ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

SARAIVA, Sueli S. **O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa**. Encontro Regional da ABRALIC 2007. Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo, 2007.

VARGAS, Débora J. Rodrigues. **Animismo e Realismo Animista**. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/122/179.pdf> Acesso em: 12/10/2018.